



DIMENSÕES CULTURAIS DA MUDANÇA

(DEZ ANOS DA REVOLUÇÃO EM PORTUGAL)

Recordo-me vivamente de um serão, durante os primeiros meses da revolução. Um notável professor de Psiquiatria, comentando os acontecimentos, chamava-lhe "tempo alucinatório". Tinha razão. O período em que vivíamos era, de facto, alucinatório:

- os acontecimentos sucediam-se uns aos outros, fôra de qualquer enquadramento lógico;

- es factos, na sua crueza, tocavam-nos e apareciam na sua realidade mais nua, como se fossem um teatro vivo;

- ~~as~~ ideias e as convicções eram agitadas como se fossem as coisas mais triviais, ~~aparecendo~~ aparecendo como pão para espíritos famintos;

- o mapa do país ~~que~~ estava continuamente a ser ~~revisado~~ <sup>Tracado consoante</sup> ~~revisado~~ <sup>a</sup> ~~revisado~~ <sup>conferência</sup> importância dos acontecimentos que tinham lugar: ~~revisado~~ <sup>uma</sup> ~~revisado~~ <sup>agora</sup>

centra ~~em~~ <sup>se - se</sup> ~~em~~ alguns numa aldeia de pescadores ou nos latifúndios do sul ou no confronto que tinha lugar no norte entre ~~diferentes~~ <sup>diferente</sup> grupos ~~de~~ <sup>ideológicos</sup> ~~ideológicos~~ <sup>ideológicos</sup>;

- do mesmo modo, a face humana da revolução mudava constantemente; o herói de um dia adulado por muitos e enchendo o écran da televisão era, no dia seguinte, banido da cena, substituído por um novo mito.

Todas as coisas pareciam possíveis. Uma mudança radical parecia que ia acontecer. O mural colectivo feito um dia por artistas ~~pintores~~ conhecidos e desconhecidos foi um gesto simbólico daquilo que pensávamos que estava a acontecer na sociedade no seu todo.

algo de

Havia um vazio e dentro dele ~~um~~ novo estava a emergir.

Havia um muro em branco e nele <sup>se</sup> podiam ~~se~~ escrever novas palavras,



novas cenas podiam ser descritas.

Quase ninguém podia <sup>Resistir a</sup> ~~suportar~~ deste desafio. Víamos pessoas que tinham sido, até então, parte da cultura do silêncio falando em termos claros, denunciando aquilo que estava errado, sugerindo aquilo que poderia ser feito. Foi um tempo de intensa participação. Comitês de trabalhadores nas empresas, gestão democrática das escolas <sup>com</sup> pessoal administrativo e representantes dos estudantes sentando-se ao lado de professores, comissões de moradores construindo centros para a infância ou cooperativas de consumo, empresas em auto-gestão espontânea à medida que os seus donos, sobretudo estrangeiros, fugiam, grupos de alfabetização nas áreas rurais, uso dos edifícios escolares e outros edifícios oficiais como centros polivalentes, portanto com uma grande economia de meios.

Sem dúvida, muitas dessas expressões eram simplesmente um grito para a satisfação de direitos básicos. Havia como que uma revolta latente que estava explodindo. Daí que, toda a mudança concebida como necessária, fosse pedida para o imediato. Mas, para além disto, havia um silêncio que tinha sido <sup>suportado</sup> ~~suportado~~ por demasiado tempo, uma nova linguagem do povo estava a vir à superfície.

A participação era também nova, em termos das manifestações de massa. Será difícil esquecer a imensa manifestação dos trabalhadores dos estaleiros navais, caminhando desde o rio até ao edifício onde estava então instalado o Ministério do Trabalho e o Ministério dos Assuntos Sociais que tive o gosto de dirigir.

Toda a gente tinha a possibilidade de falar. <sup>E lá.</sup> As palavras suprimidas durante tanto tempo tomaram forma, nomearam as necessidades básicas dos indivíduos, mas nomearam também outras aspirações colectivas.

Falar, falar, falar, era um processo sem fim. Como se, por alguma magia, a palavra pudesse criar o acto, e pudesse transformar-se em acção. Assim, a cultura ~~que foi~~ veiculada foi, antes de mais, uma cultura oral. Como se a conspiração que tinha conduzido de forma tão eficaz ao golpe de estado, ainda continuasse e pudesse haver um santo e senha para entrar no seu mundo.

Qualquer coisa como um acto erótico colectivo estava presente - a alegria, a boa-vontade, o gosto de estar juntos, <sup>tudo isso</sup> ~~exper-~~ ~~miam~~ um mundo de intenso prazer, vivido a níveis inesperados.

Como se ~~em~~ o desejo tivesse sido canalizado, todo ele, para a esfera pública, de uma só vez, e os desejos individuais tivessem sido incorporados nessa exarcebação do desejo colectivo.

De certo modo, estavam presentes os ingredientes do próprio processo de sublimação, isto é, a concentração do desejo pessoal em algo de muito preciso, a posse do desejo pessoal por uma grande causa e a capacidade dessa causa <sup>para</sup> ~~de~~ galvanizar outros.

Uma generosidade desconhecida desabrochava em puro deleite.

xxxxx~~xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx~~ Era uma mágica.

Os meios de comunicação eram um eco de tal sonho. Através deles, acontecimentos quase irrelevantes, ~~palavras~~ e palavras ditas a correr, pareciam <sup>ter</sup> ~~ter~~ uma ~~imensa~~ <sup>desmedida</sup> importância, enquanto, muitas vezes, questões verdadeiramente decisivas <sup>Tomavam</sup> ~~eram~~ apenas um pequeno lugar. Era quase impossível distinguir, nessa corrente incessante de palavras e de notícias, a palavra e o facto que trazia consigo o peso da mudança. A televisão trazia, à casa de cada um, o verdadeiro país; <sup>o modo como</sup> ~~como é que~~ as pessoas viviam, as condições injustas da maioria da população, as lutas e as esperanças.

Sobre este período, muitos dos meus compatriotas dizem: "não havia poder político". Não estou de acordo com esta afirmação. O poder estava espalhado através da sociedade, vivido e partilhado pela maioria das pessoas que nunca tinham tido a mais pequena experiência daquilo que significava o exercício do poder.

Contudo,  
~~este~~ este fenómeno, cultural em si mesmo, não foi entendido nem pela intelligencia nem pelos líderes políticos do país. Com efeito, a maior parte dos políticos viu, nesta manifestação, uma mera "agitação" popular, insegurança social e a incapacidade dos governos ~~de~~ conseguirem a ordem e a lei. Quanto à intelligencia, parece-me que ~~ela~~ foi tomada de surpresa. Alguns dos nossos poetas, escritores e cantores começaram a trabalhar directamente com o povo. Outros, exprimiram na sua "arte" específica o que estava acontecendo. Mas, neste mesmo tempo, durante aqueles primeiros dois anos, muito poucos daqueles que pertenciam à elite política e cultural tiveram a clareza de pensamento para afirmar, em termos culturais, aquilo que estava a ~~xxx~~ acontecer.

Assim foi, ou assim me aparece, o que aconteceu naquele tempo. Mas agora, que passaram dez anos, ~~algumas~~ a magia e a alucinação, desapareceram também. Agora, é o tempo para avaliação. O que é que mudou de facto?

Se me deixasse conduzir pela tendência portuguesa para a melancolia e para a pena de si próprio, teria ~~que~~ <sup>de</sup> dizer que, onde havia esperança, há agora frustração. Onde havia uma forte corrente de coesão nacional, há hoje a desconfiança generalizada e a bipolarização indevida. Onde (havia) então a libertação de de-

sejos reprimidos e forças criadoras existe agora, para muitos, um retorno <sup>à luta</sup> pela sobrevivência, ao medo e à passividade.

Mas não vou fixar-me numa avaliação estática da situação portuguesa. Embora a análise crítica seja um instrumento indispensável, e esteja como tela de fundo de algumas afirmações fortes que vou ter ~~de~~ <sup>de</sup> fazer, vou seguir outro caminho. <sup>Prefiro</sup> ~~quero~~ ver ~~quais eram as~~ <sup>quais são</sup> ~~as~~ <sup>as</sup> ~~meas~~ <sup>meas</sup> condições culturais para uma mudança mais profunda e mais duradoira ~~que possa ocorrer~~ no meu país, de modo a enriquecer as vidas dos portugueses e a garantir-lhes acesso aos seus direitos nos domínios económico, social e cultural, tal como se afirma na nossa Constituição.

~~Eu~~ Vou naturalmente seguir os três objectivos que tinham as Forças Armadas, quando fizeram o golpe de estado de 25 de Abril: ~~des-~~ Colonização, democracia e desenvolvimento. E vou tentar ver qual é a questão cultural que lhe está subjacente.

## 2. Descolonização e uma nova procura de identidade

### 2.1. Novos países, os emigrantes, os retornados e a sua assimilação

A descolonização, qualquer que seja o juízo que tenhamos sobre a sua efectivação, trouxe (Portugal de novo) para o seu território ~~de~~ <sup>de</sup> origem ~~em~~. Despiu Portugal do seu império, da noção aprendida na escola de que Portugal ~~estava espalhado~~ <sup>se estendia</sup> por vários continentes. Exigiu, assim, um novo sentido de identidade, um começo ~~XXXXXXXX~~ novo ~~em termos~~ das relações com outros povos e outras culturas.

~~Claro que considero importantíssimo o facto de que~~ Ao chegar a acordos <sup>jamais</sup> ~~com~~ <sup>com</sup> movimentos de libertação nas suas antigas colónias, Portugal ajudou cinco novas nações, com ~~uma~~ <sup>uma</sup> identidade específica, a tomarem forma. Esta é a primeira realização ~~de~~ <sup>de</sup> ~~aquela que é~~

verdadeiramente irreversível na chamada revolução portuguesa.

Não há dúvida que a chegada a Portugal de quase um milhão de retornados mudou o país e criou sentimentos ambivalentes para com o processo da descolonização. Contudo, algo na cultura portuguesa se manifesta no facto <sup>como</sup> ~~de que~~ um pequeno país de nove milhões ~~de~~ conseguiu absorver quase um milhão de retornados, sem perturbação social.

~~Não~~ Não seria verdadeira se escondesse que o processo de descolonização provocou em todos os portugueses uma ferida. Precisá-  
mos de todos estes anos para que os historiadores e os actores da história deste período fossem capazes de discutir o processo de descolonização, em público, pela primeira vez, num seminário ~~realizado~~ organizado recentemente pela Associação 25 de Abril.

No entanto, voltar ao território europeu não apaga a história. Pois não somos nós parte de uma cultura onde alguns dos mitos básicos, aqui e além expressos pelos nossos poetas, têm algo que ver com o mar que nos atraiu, com as terras onde chegámos, de tal maneira que a palavra "Índia" se tornou um nome simbólico, significando, ao mesmo tempo, aquilo que é inatingível e ~~a~~ realização dos nossos mais profundos desejos?

O regresso ao nosso território europeu é, sem dúvida, uma aventura. Trás consigo, tanto em relação a Europa como em relação ao resto do mundo, a necessidade de definições, de decisão, de orientação para o nosso próprio relacionamento. É, sem dúvida, o maior desafio cultural ~~destes~~ destes anos. É por isso que não pude deixar de sentir como patética a atitude da maioria dos dirigentes políticos do meu país, na sua ansiedade de levar a cabo a integração de Por-

tugal no Mercado Comum e ~~está a encontrar um~~ <sup>apelidando-a de</sup> «novo destino nacional».  
É para mim muito claro que, aqueles que querem um Mercado Comum como um bálsamo para as suas feridas estão, ao fim e ao cabo, a ultrapassar, sem ~~a~~ resolver, a sua procura de identidade.

Mas essa procura de identidade que estou a referir, não é isenta de perigos. Aqueles que estão demasiado envolvidos nessa procura podem facilmente criar uma cultura autocentrada, reduzir o mundo a questões e problemas menores. Uma cultura narcísica está emergindo em Portugal, com terminologia vinda dos países altamente industrializados: «fazer aquilo que me apetece», «o prazer está antes do dever», «viver o dia-a-dia sem projecto», são traços comuns desse comportamento, neste tempo. Mas não será que estamos a encontrar, ~~na~~ <sup>na</sup> cultura, o mesmo fenómeno que encontrámos com tanta frequência na economia? Isto é, há soluções que podem ser aplicadas aos países ricos sem os perturbar demasiadamente; mas, se os aplicarmos a países que estão já sob o fio-da-navalha, tornam-se poderosos meios de auto-destruição.

## 2.2. A procura de identidade

<sup>Por Todo o</sup>  
~~Neste~~ país a procura de identidade está viva <sup>e</sup> de uma maneira muito forte. Muitos grupos e associações tentam recapitular a sua própria história, procuram a identidade dos lugares onde vivem, nas profundezas ou nos sinais da memória colectiva. Associações arqueológicas, parecem re-ecoar os passos dos romanos durante a ocupação. Praias de frequência recente levam-nos até ao tempo da Belle Epoque... Por outro lado, grupos de teatro experimental espalhados pelo país realizam, podemos dizer que sistematicamente, a desmi-



tificação da história portuguesa: A Viagem <sup>que</sup> ~~isto~~ tem que ver com as viagens das descobertas ~~;~~ "Um Dia na capital do Império", mostrando o contraste entre a riqueza que se procura e a miséria que se vive, "Um cálice de Porto", ~~e esta~~ história com episódios trágicos e ~~epi~~ ~~ódios~~ cômicos do Porto e, <sup>por extensão</sup> ~~contato~~, de Portugal. Estes teatros trazem-nos a atmosfera e a história de eras passadas. Em todos eles ~~há~~ <sup>se encontra</sup> um sorriso melancólico sobre nós próprios, no passado, algo de compadecido que diz: "mas não éramos nós uns tolos comevedores"? ~~Mas~~ Mais profunda permanece a questão, que é a questão de hoje: "Quem somos nós?"

Esta procura de identidade pode também ser vista nos filmes portugueses contemporâneos. Mergulham em algumas das nossas lendas, quase que recitam as histórias de sentimentos e da busca íntima do período romântico, detêm-se com estranho prazer, na forma e nos sentimentos interiores mais do que na acção e nas expressões exteriores da emoção.

Também na vasta produção de trabalhos literários há duas importantes mudanças que mostram a mesma procura. Uma nova ênfase na história, mesmo na história contemporânea, e em vez dos caminhos metafóricos de ~~descrever~~ <sup>descrição da</sup> realidade ~~na~~ poesia, como tínhamos feito por muitas décadas, uma explosão da ficção e prosa. E, vale a pena dizer, ~~que~~, especialmente, entre as mulheres escritoras.

Tenho estado nos mais diversos lugares do meu país e tenho-me encontrado com auditórios extremamente diversificados. A única coisa que posso dizer é que, apesar de todas as dificuldades, essa identidade está presente no povo, naquilo que vive e espera, na forma como reage ~~as~~ as dificuldades da vida, na sua resposta rápida a qualquer <sup>situação</sup> ~~ocasião~~ de celebração ou de festa. Estamos a redescobrir-nos





e, quanto mais o povo puder moldar a sua <sup>própria</sup> vida, mais claramente essa identidade poderá emergir. Este é o teste da cultura no Portugal de hoje.

3. As instituições democráticas e a procura de novas formas socio-culturais de participação

3.1. Estabelecimento das instituições da democracia representativa versus a mobilização das pessoas

Nunca ~~podemos~~ <sup>e demais</sup> sublinhar ~~suficientemente~~ a importância histórica da mudança do regime monolítico e autocrático para uma sociedade pluralística e democrática.

As instituições democráticas funcionam normalmente em Portugal. E contudo, há aspiração para algo mais. O mal-estar sentido na maioria dos ~~países~~ <sup>países</sup> europeus existe em Portugal também.

Os começos desta revolução foram o tempo para pedir o impossível. A democracia não era um objectivo para ser realizado mais tarde. Estava lá, ao alcance da mão. Lembro-me de uma visita oficial que fiz a um país da Europa Ocidental, no Verão de 75, <sup>de</sup> e como vi, com surpresa, que Bruxelas tinha respondido ao pedido de Portugal para crédito financeiro, ~~com a condição de que~~ <sup>de</sup> ~~isso~~ <sup>Tal</sup> só seria possível quando Portugal tivesse as suas instituições democráticas normais. <sup>“</sup> ~~Conheço~~ <sup>Conheço</sup> ~~nessa democracia há muito realizada~~ e analisei a imensa máquina burocrática onde um membro de cada partido podia votar por todos os outros, simplesmente carregando no botão, de acordo com a disciplina do partido... E não pude deixar de comparar essa forma democrática <sup>de</sup> funcionar com a variedade e a vitalidade de pontos de vista que emergiam no meu próprio país à volta de cada questão. E fiquei perplexa, para dizer o mínimo.



Foi nessa altura que a própria natureza da democracia começou a tornar-se uma questão cultural para mim.

É certo que ~~na~~ cheguei ao período da revolução ~~a~~ <sup>de</sup>partido das fileiras dos cristãos empenhados que, durante muitos anos e de modos muito diversos, tinham visto a liberdade profundamente ligada com o processo de libertação pessoal e colectiva, com a capacidade ~~para de~~ cada um de se tornar dono do seu próprio destino. Nas suas formas mais <sup>comuns</sup> ~~espetáculos~~ a democracia estava já a funcionar em Portugal, nos primeiros anos a seguir à revolução. Mas tenho que reconhecer que nós, os membros dos ~~próximos~~ <sup>diferentes</sup> governos, a <sup>intelligencia</sup>intelligencia, o movimento das Forças Armadas, não fomos capazes de dar à onda ~~de~~ popular de participação o seu enquadramento institucional.

Não fomos suficientemente imaginativos para compreender que tínhamos um acontecimento histórico nas nossas mãos: a nossa tarefa era criar novas formas através das quais o poder ~~se~~ a partir das pessoas, pudesse ser exercido. A democracia participativa (essa questão-chave para qualquer planeamento viável ~~senão~~ em todos os países, pelo menos no terceiro mundo) existia em Portugal. A mobilização das pessoas (essa atitude tão procurada, sem a qual, os governos na Europa, estão destinados a não cumprir as suas promessas eleitorais) existia e ~~em todos~~ <sup>abrangia</sup> todos os ~~campos~~ <sup>estratos</sup> da sociedade.

Em Portugal, a democracia representativa tomou para si todos os mecanismos disponíveis de participação. Assim, uma democracia de duas classes, ou a duas velocidades, começou a emergir: as responsabilidades nas questões públicas são partilhadas ~~de~~ <sup>apenas</sup> pelos membros dos partidos políticos enquanto a maioria da população se vê catalogada com uma cidadania de segunda classe. A única coisa que a população é suposta fazer é legitimar regularmente a maior



partilha do poder daqueles que vêm em primeiro lugar no processo do marketing político. ~~Nesta~~ <sup>Esta</sup> forma limite pode tornar-se a verdadeira perversão da democracia.

<sup>português</sup>  
<sup>últimos</sup> Um momento do processo ~~de Portugal~~ de Portugal durante estes dez anos foi particularmente importante: a revisão da Constituição, em 1982. Foi discutida, negociada e decidida por uma pequena comissão de membros do Parlamento e submetida, depois, ao plenário, para aprovação. Os eleitores, a população, foram simplesmente ignorados. <sup>?</sup> A democracia formal torna-se, cada vez mais, alheia às expressões do querer ~~maxim~~ comum nacional.

A medida que toda esta evolução está tomando <sup>corpo</sup> ~~lugar~~ em Portugal, ~~isto~~ tornamo-nos conscientes, cada vez mais, de que em toda a Europa o exercício dos direitos formais da democracia não é o suficiente para levar a população a empenhar-se na resposta e na resolução <sup>das necessidades e dos interesses</sup> da sociedade. Vemos hoje que "votar por" não pode ser igual a "mobilizar-se com". A democracia representativa exige formas complementares, através das quais o exercício do poder pelas pessoas se possa tornar real. Tal é o sentido, na Constituição Portuguesa, dos <sup>Artigos</sup> 48º e 112º <sup>(1)</sup>.

A minha interpretação é a de que ~~isto~~ estamos ~~isto~~ a fazer face, <sup>também</sup> nesta questão, a um desafio cultural de primeira ordem.

Com efeito, no tempo de comunicação instantânea entre ~~isto~~ <sup>que</sup> pessoas encontram a milhares de quilómetros de distância, num tempo de <sup>visões</sup> ~~perspectivas~~ cósmicas e de perspectivas e percepções cada vez mais amplas da nossa situação como um planeta num universo sem fim, poderemos nós considerar como suficiente o facto de os cidadãos delegarem o seu poder durante cada quatro ou cinco anos, como costumavam fazer quando a vida estava centrada unicamente à volta de um único estabelecimento humano e (depois se organizava) em círculos



concentricos à ~~volta~~<sup>perliv</sup> dele?

Não haverá outras formas pelas quais/esta proximidade maior ~~se fornece~~<sup>se fornece</sup> uma dimensão suficientemente manejável para ser tratada directamente por aqueles que estão em causa?

3.2. - O vazio das ideologias actuais e a necessidade de um novo pensamento

Um outro traço cultural da democracia sentido fortemente ~~em~~ em Portugal tem sido a divisão em direita e esquerda.<sup>?</sup> Nestes dez anos, estes conceitos foram perdendo, cada vez mais, o seu significado concreto. Têm deslizado, perdendo as conexões que poderiam ter com a realidade que são supostas descrever e ~~que~~ <sup>referindo o seu</sup> servir. É evidente que não estou particularmente ~~falando na sua~~ significado em termos políticos. A necessidade de coligações numa democracia pluralista pode conduzir, de facto, a alianças que parecem, vistas de fora, "contra a natureza". Estou a situar-me numa perspectiva cultural.

Hoje, essas categorias parecem esvaziar-se de conteúdo prático. "Esquerda" e "direita" estão fortemente baseadas, nos seus programas, em conteúdos ideológicos, mas essas ideologias não tem sido suficientemente repensadas, em termos ~~actuais~~<sup>actuais</sup>, de modo a fazer <sup>em</sup> face ao mundo moderno.

A ideologia em Portugal é usada como uma bandeira. Por causa do vazio cultural no seu conteúdo, as ideologias não podem hoje conduzir o país a um novo ímpeto para criar formas de democracia a todos os níveis.<sup>?</sup> E, por isso também, o vazio das coligações, mais aptas a distribuir posições-chave de poder do que a ~~passar~~<sup>passar</sup> e a exercer, decidir medidas pragmáticas e consistentes para as quais, o simples bom senso, teria sido suficiente.



A questão não é, na minha perspectiva, ~~de~~ voltar a reacender velhos debates mas reconhecer o que está acontecendo e reformular os objectivos e as perspectivas. Se as pessoas divergem, e certamente ~~há~~ divergir em muitos casos, e à volta de muitas questões, a nossa tarefa é clarificar ~~as questões~~ as verdadeiras questões de hoje sobre as quais há divergencia.

Aconteceram demasiadas coisas ~~em~~ nos últimos dez ~~anos~~ anos - o aparecimento e a queda do império do petróleo, a invasão de novas tecnologias, a compreensão da posição dos seres humanos num equilíbrio sistémico com o ambiente, a luta da humanidade para a sobrevivência quando o próprio espaço está a ser militarizado. Na verdade, são coisas demasiado importantes e vitais para ~~de impedindo-nos de nos conservarmos e de nos aglu-~~ nos limitarmos a ~~trarmos a~~ visões ideológicas que são velhas de décadas ou mesmo de séculos. Outra perspectiva é necessária.

3.3. O controle social da tecnologia

Entre todos estes problemas novos há um que torna imperativa uma compreensão mais funda das formas e instituições democráticas. Refiro-me ao impacto da tecnologia na sociedade moderna.

⊗ A vida de cada dia é mediatizada através da tecnologia. ~~Daqui~~ <sup>pois</sup> Um novo modo de conhecimento da realidade ~~está~~ <sup>está</sup> em causa.

As pessoas não podem escolher os meios ~~de~~ realizar os seus objectivos quotidianos. São guiados pelos meios, <sup>pelos</sup> ~~os~~ instrumentos, <sup>pelos</sup> ~~as~~ operações. ⊗ Já não é verdade que hoje o homem domine a natureza ou que o homem possa escolher e actuar sobre a tecnologia. É a tecnologia que actua sobre os homens. ⊗ A tecnologia não



é só ~~a~~ conquista , domínio, produções, máquinas. É um modo de conhecimento, uma forma que conduz à interiorização dum modo operacional de viver e de pensar. Sem dúvida, sendo um fenómeno que toca todos os indivíduos, a tecnologia torna-se uma forma de estruturação social.

Por isso, parece-me fundamental afirmar que não há possibilidade de um futuro democrático enquanto a cultura e a tecnologia seguirem caminhos separados. E, como a vontade popular só tem meios tradicionais para se exprimir enquanto a vida de todas as pessoas está mediatizada pela linguagem técnica, a urgência em ~~de~~ encontrar uma envolvente cultural para esse modo técnico de funcionar torna-se um imperativo da democracia.

#### 4. Desenvolvimento e a procura de um novo paradigma

### Fundação Cuidar o Futuro

#### 4.1. Colapso económico ou colapso da economia?

No primeiro período da revolução, Portugal deu importantes passos na direcção de novas políticas sociais e económicas. Foi fácil, logo no início, que fosse ~~exigida~~ ~~alguma~~ a abolição de monopólios e de latifúndios. Para muitos, a nacionalização de importantes sectores da actividade industrial foi vista, também, como a necessidade da segurança do país. E a continuidade, em extensão, de medidas já tomadas antes da revolução na direcção do "estado-providência", tornou-se também um objectivo desses primeiros anos.

Sem dúvida, tais decisões não encontraram apoio de todas as forças políticas. Se abstrairmos dos interesses envolvidos quer a nível pessoal quer a nível de grupo, podemos dizer que ~~existam~~ *existam*

valores básicos que estavam subjacentes a esses passos e que não eram partilhados por todos.

Na verdade, como é que toda a gente poderia concordar com a afirmação "a economia ao serviço das pessoas e não ao serviço do lucro"? Ou com a afirmação de que, ~~se houvesse~~ <sup>a haver</sup> excepções, à igualdade de todos, seria <sup>em</sup> ~~para~~ o benefício dos desfavorecidos na nossa sociedade? E assim aconteceu que, pouco a pouco, esses princípios foram minados, ignorados, ridicularizados.

Ao mesmo tempo não pode ser esquecido que muitas das transformações económicas não tocaram as questões básicas. <sup>Por exemplo,</sup> ~~as em-~~presas nacionalizadas não foram socializadas; alguns dos economistas, treinados na Universidade de Sussex e tendo trabalhado com Dudley Seeks, não foram capazes de romper com os velhos hábitos de lidar com a economia e as finanças a nível nacional. De igual modo, as medidas sociais, foram tomadas no próprio momento em que o estado providenciário começava a ser questionado nos outros países <sup>com</sup> ~~que tinham~~ longa tradição a este respeito.

Os dois factos postos lado a lado, isto é, a eliminação de alguns valores humanos básicos, por alguns, e a falta de actualização da gestão por outros, conduziu o país à situação a que fazemos face hoje: Uma alta taxa do crescimento do custo de vida; um crescente desemprego, principalmente entre as mulheres e os jovens; uma situação escandalosa na qual um grande número de trabalhadores não recebem os seus salários desde há alguns meses; e, sem dúvida, <sup>em Portugal</sup> como em muitos outros países, ~~Portugal tem~~ uma dívida externa que, a desordem organizada do sistema monetário mundial ajuda a crescer.

O que está então em causa na situação portuguesa?

É meu hábito

~~Estava habituado~~

~~Eu estava habituado~~ a dizer que não pode haver desenvolvi-  
 mento sem uma matriz cultural que dê forma e sentido a todas as  
 etapas. Mas hoje vou um pouco mais longe. O desenvolvimento, tal  
 como é vivido pelos portugueses nestes dez anos, é basicamente  
um problema cultural.

Primeiro, porque não é só o colapso económico que está em  
 causa num país como Portugal. Se há um colapso óbvio, é o colapso  
da economia enquanto ciência e daqueles que a exprimem. ~~É tempo~~  
 É tempo que isto seja dito num contexto cultural. Notáveis eco-  
 nomistas tem dito isto em diversos termos: Kenneth Borl~~ding~~,  
 Gunnar Myrdal, Barbara Ward, Rostow, Hazel Henderson. É ~~um~~ <sup>de um</sup> livro  
 desta última economista, americana, num artigo que se chama <sup>"The</sup> ~~finite pie~~  
~~to share~~ <sup>"finite pie"</sup> ("O bolo de dimensão limitada"), que posso citar a se-  
 guinte frase: "As anomalias a que os economistas não são capazes  
 de fazer face estão agora dolorosamente visíveis, quer na inflacção  
 global, <sup>quer</sup> na poluição, <sup>quer</sup> nos efeitos laterais não desejados do de-  
 senvolvimento económico, tais como, a disfunção social, a urbani-  
 zação ~~desastrosa~~, <sup>elevados</sup> ~~os custos~~ da infraestrutura, o desemprego e a  
 má distribuição do rendimento e da riqueza".<sup>(2)</sup>

Com efeito, a economia mostrou já, em todo o mundo, que, tal  
 como existe, não consegue fazer face aos nossos problemas internos,  
 nem tão pouco às associações regionais nem à gestão global dos  
 recursos mundiais.

Se, durante a última hora, 1.800 crianças morreram de fome e  
 de má nutrição no mundo, isto não pode ser olhado como um caso  
 moral e resolvido por apelos à generosidade, mesmo ~~se~~ <sup>que</sup> esta seja  
 extremamente ~~importante~~ <sup>positiva</sup> e ~~importante~~ importante do ponto de vista pessoal.

Trata-se, isso sim, de mostrar que num tempo planetário, a economia





~~Uma~~ que conhecemos, não nos dá os instrumentos necessários para  
poder assegurar a gestão dos recursos naturais e a sua justa dis-  
tribuição. O caso é, sim, na sua raiz, um caso cultural.

4.2. A necessidade de novos paradigmas

O ~~caso~~ cultural <sup>feito pelo</sup> ~~que opera~~ desenvolvimento torna-se ainda  
mais patente se reconhecermos, sem ambiguidade, que as teorias  
económicas dominantes têm sido alimentadas ~~por um paradigma que~~  
pelo paradigma do crescimento contínuo.

O "fim da economia", como alguns economistas lhe chamam, é  
também o fim do paradigma. Portanto, é mais do que tempo para o  
aparecimento <sup>de</sup> novos conceitos e valores, para que as representa-  
ções mentais sofram uma deslocação radical. Porque é a primeira  
vez, desde o princípio da industrialização, que o paradigma do  
crescimento é posto em causa.

Fundação Cuidar o Futuro

Durante muitos anos ~~me~~ considerei que me estava desviando  
de uma linha estritamente económica quando dizia que o desenvol-  
vimento era "a capacidade que tem cada sociedade de fazer face  
dinamicamente à sua ~~própria~~ própria evolução histórica." Mas tendo  
trabalhado, durante os últimos anos, em termos da ~~ciência~~ dos  
sistemas, a minha convicção foi reforçada e julgo ter hoje um mais  
sólido fundamento. Para um dos cientistas mais notáveis neste do-  
mínio, Russel Ackoff, "o desenvolvimento é o desejo e a <sup>capacidade</sup> ~~habili-~~  
~~dade~~ de usar aquilo que está disponível para continuamente melho-  
rar a qualidade de vida, é a <sup>capacidade</sup> ~~habilidade~~ de usar e desenvolver o  
conhecimento e é a <sup>capacidade</sup> ~~habilidade~~ de ~~nos~~ nos adaptarmos às mu-  
danças internas e externas". <sup>?</sup> Estamos aqui, também, face a uma



A integração

tarefa cultural de grande envergadura: ~~Até fim e ao cabo, integrar~~  
da ciência na cultura.

Em termos ainda mais amplos, ~~e deixando este caminho para~~  
~~frases finais~~, podemos dizer que novos paradigmas só podem ser en-  
contrados naquilo que afinal é o caminho tradicional: aprender  
e usar o conhecimento adquirido em formas adequadas, <sup>indo à procura</sup> ~~reconhecendo~~  
daquela sabedoria deixada marginal pelas eras mais recentes, como  
a riqueza fundamental, a partir da qual as prioridades políticas  
podem surgir e uma nova era pode tomar forma na vida da humani-  
dade.

Notas: Fundação Cuidar o Futuro

(1) Artigo 48º-

1. Todos os cidadãos têm o direito de tomar parte na vida po-  
lítica e na direcção dos assuntos públicos do país, directamente  
ou por intermédio de representantes livremente eleitos.
2. O sufrágio é universal, igual e secreto e reconhecido a  
todos os cidadãos maiores de 18 anos, ressalvadas as incapacidades  
da lei geral, e o seu exercício é pessoal e constitui um dever  
cívico.
3. Todos os cidadãos têm o direito de ser esclarecidos objecti-  
vamente sobre actos do Estado e demais entidades públicas e de ser  
informados pelo Governo e outras autoridades acerca da gestão dos  
assuntos públicos.
4. Todos os cidadãos têm o direito de acesso, em condições de  
igualdade e liberdade, as funções públicas.



Artigo 112º -

A participação directa e activa dos cidadãos na vida política constitui condição e instrumento fundamental de consolidação do sistema democrático.

(2) Op. cit., ~~página~~ 35, "Creating alternative futures".

M-L-P

Fundação Cuidar o Futuro